



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

SUELEN CINTIA DE SANTANA

“Tão ouvindo?” Urso Branco Cangaçá de São Lourenço da Mata/PE:
material didático para o trabalho com a História Local nas escolas de educação básica

RECIFE

2026

SUELEN CINTIA DE SANTANA

“Tão ouvindo?” Urso Branco Cangaçá de São Lourenço da Mata/PE:
material didático para o trabalho com a História Local nas escolas de educação básica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Rural de Pernambuco
(UFRPE), como exigência para obtenção do título
de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Falcão Barbosa

RECIFE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

S232" Santana, Suelen Cintia de.
"Tão ouvindo?" Urso Branco Cangaçá de São
Lourenço da Mata/PE: material didático para o
trabalho com a História Local nas escolas de
educação básica / Suelen Cintia de Santana. -
Recife, 2026.
39 f.; il.

Orientador(a): Lúcia Falcão Barbosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. História local. 2. História - Estudo e ensino. 3.
Histórias em quadrinhos. 4. Blocos carnavalescos -
Urso Branco Cangaçá (São Lourenço da Mata, PE) I.
Barbosa, Lúcia Falcão, orient. II. Título

CDD 909

TERMO DE APROVAÇÃO

SUELEN CINTIA DE SANTANA

“Tão ouvindo?” Urso Branco Cangaçá de São Lourenço da Mata/PE: material didático
para o trabalho com a História Local nas escolas de educação básica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como pré-requisito da finalização da disciplina TCC II e obtenção de grau no Curso de Licenciatura Plena em História.

Profª. Drª. Lúcia Falcão Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História

Prof. Uiran Gebara da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História

Profª. Flávia Farias de Oliveira
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Letras

Recife, 09 de fevereiro de 2026

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois permitiu que tudo isso acontecesse ao longo da minha jornada, não apenas nestes anos como universitária, mas em todos os momentos da minha vida.

Em seguida, expresso minha gratidão à professora orientadora Lúcia Falcão Barbosa, que, com entusiasmo, sensibilidade e compromisso, aceitou me orientar e me guiou durante todo o processo da pesquisa. É com muita admiração, respeito e carinho que agradeço por tudo o que você fez por mim, pela empatia constante com os estudantes e pelo acolhimento demonstrado em sala de aula, além dos cafezinhos e lanches que foram um verdadeiro alento em dias cansativos.

Agradeço também a João M. Duclerc Falcão, por ter embarcado comigo nesta proposta e dado vida à HQ por meio de suas ilustrações.

Registro ainda minha gratidão à UFRPE, pela oportunidade de cursar a graduação, à CAPES, pelo apoio financeiro durante minha atuação junto ao PIBID, e a todos os docentes, técnicos e funcionários que contribuíram para a minha formação ao longo desse percurso. Sobre tudo aos queridos professores Flávia Fárias e Uiran Gebara por gentilmente aceitarem participar da minha banca de defesa de TCC.

Agradeço aos familiares e, em especial, aos meus pais, Silvânia M. dos S. de Santana e Carlos Gonzaga de Santana, pelo amor, incentivo, apoio incondicional e pela paciência diante das minhas crises de ansiedade e dos estresses provocados pelos trabalhos acadêmicos. Aos meus irmãos, Silvana Elaine de Santana, Carlos Fidelis de Santana e Carla J. de S. Lima, que souberam me distrair com leveza exatamente quando eu mais precisava.

Meus sinceros agradecimentos aos amigos pelo apoio, força, carinho e presença nos momentos mais difíceis, em especial a Ana, Bianca, Bruno, Kamila, Nicolay, Kauane e Katharina, que tornaram essa caminhada mais leve.

Agradeço ao pré-vestibular PORTAL-UFPE (2019), que possibilitou meu ingresso nesta universidade, bem como aos amigos Eve, Duda e Flávia, que compartilharam alegrias e desafios ao longo dessa trajetória. Minha gratidão especial a Yasmim Albuquerque de Melo Silva, coordenadora do pré-vestibular e amiga ao longo dos anos, cujo apoio, paciência, carinho, orientação e incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também aos amigos virtuais, em especial a Ártemis (Lávia) e Dani, por oferecerem momentos de escape e por me lembrarem que há mais na vida do que apenas estudo e trabalho.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela coragem de idealizar e escrever esta pesquisa, pela paciência comigo durante um percurso marcado por desafios emocionais e psicológicos, pela resiliência diante das dificuldades e, sobretudo, por não ter desistido. Em poucas palavras, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
SUMÁRIO.....	7
RESUMO.....	8
TÃO OUVINDO? URSO BRANCO CANGAÇÁ.....	9
REFERÊNCIAS.....	37

“Tão ouvindo?” Urso Branco Cangaçá de São Lourenço da Mata/PE: material didático para o trabalho com a História Local nas escolas de educação básica

Suelen Cintia de Santana

RESUMO: O presente trabalho investiga os potenciais da História Local como recurso didático para o ensino de História na educação básica. Partindo da noção de consciência histórica, a pesquisa compreende a História Local como meio de aproximar o conteúdo escolar da realidade vivida pelos estudantes. O objetivo geral consiste na produção de um paradidático em formato de HQ, que apresenta a trajetória do Urso Branco Cangaçá, fundado em 1978 no município de São Lourenço da Mata/PE, reconhecido como patrimônio imaterial local. A metodologia adotada é qualitativa, articulando análise bibliográfica, levantamento documental e pesquisa de campo. Como resultado, foi elaborada uma HQ com narrativa histórica e seção pedagógica, mobilizando conceitos como cultura, identidade e patrimônio. Conclui-se, assim, que este trabalho não apenas apresenta um produto didático, mas demonstra que o ensino de História pode ser um espaço de autoria, sensibilidade e emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: História Local; Ensino de História; História em Quadrinhos; Urso Branco Cangaçá; São Lourenço da Mata

“Are you listening?” Urso Branco Cangaçá from São Lourenço da Mata/PE: teaching material for working with Local History at schools

ABSTRACT: This work investigates the potential of Local History as a teaching resource for teaching History in basic education. Starting from the notion of historical consciousness, the research understands Local History as a means of bringing school content closer to the reality experienced by students. The general objective is to produce a supplementary teaching material in HQ format, which presents the trajectory of Urso Branco Cangaçá, founded in 1978 in the city of São Lourenço da Mata/PE, recognized as local intangible heritage. The methodology adopted is qualitative, articulating bibliographic analysis, documentary survey and field research. As a result, a HQ with historical narrative and pedagogical section was developed, mobilizing concepts such as culture, identity and heritage. It is concluded, therefore, that this work not only presents a didactic material, but demonstrates that the teaching of History can be a space of authorship, sensibility and emancipation.

KEYWORDS: Local History; History Teaching; HQ; Urso Branco Cangaçá; São Lourenço da Mata

Biografia da autora com ORCID

Licenciada em História pelo Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, CEP: 52171-900, Recife/PE, e-mail: suelencintia66@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6356-4176>



TÃO OUVINDO? **URSO BRANCO** **GANGAÇA**



SUELEN SANTANA | JOÃO DUCLERC

“Tão ouvindo?”

A proposta apresentada neste material didático é resultado do trabalho de conclusão de curso, produzido no âmbito da Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, intitulado **“Tão ouvindo?” Urso Branco Cangaçá de São Lourenço da Mata/PE**: material didático para o trabalho com a História Local nas escolas. Ele consiste na criação de uma HQ como recurso didático para o ensino de História na educação básica, especificamente para os anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º ano) e início do Ensino Médio (1º e 2º anos).

Nosso objetivo é mobilizar o potencial da História Local como ferramenta pedagógica, entendendo-a como elemento importante para o fortalecimento da identidade, da memória coletiva e do sentimento de pertencimento dos estudantes.

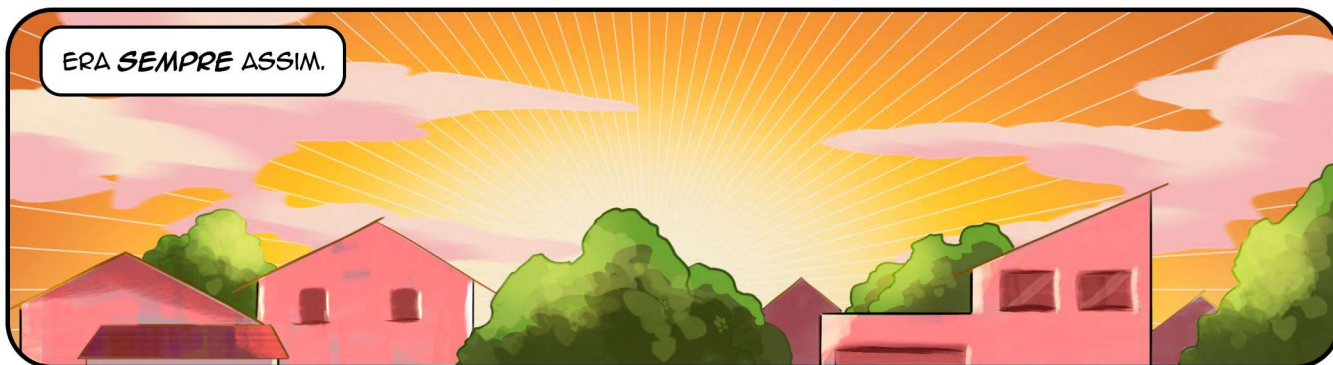
Essa proposta faz parte do entendimento de que o ensino da história do lugar onde os sujeitos vivem possibilita maior proximidade entre o conteúdo escolar e a realidade dos educandos, favorecendo aprendizagens mais significativas. Por isso, a HQ conta a história do Urso Branco Cangaçá, que é uma manifestação tradicional muito importante para o município de São Lourenço da Mata / PE.

Nesse contexto, o título “Tão ouvindo?” remete a uma memória afetiva de infância e é uma frase comum entre os moradores quando se escuta o som característico do Urso, o qual anuncia os ensaios e convoca a comunidade, transformando as ruas em espaços de encontro e celebrações. Ao ouvir a batida dos tambores, moradores saem de suas casas para acompanhar o cortejo ou participar da festa, reforçando a vivência coletiva da cultura local.

Dessa forma, a HQ se torna uma ferramenta didática que articula linguagem visual e narrativa histórica, favorecendo o trabalho pedagógico com a História Local e contribuindo para a valorização das manifestações culturais do município no ambiente escolar.

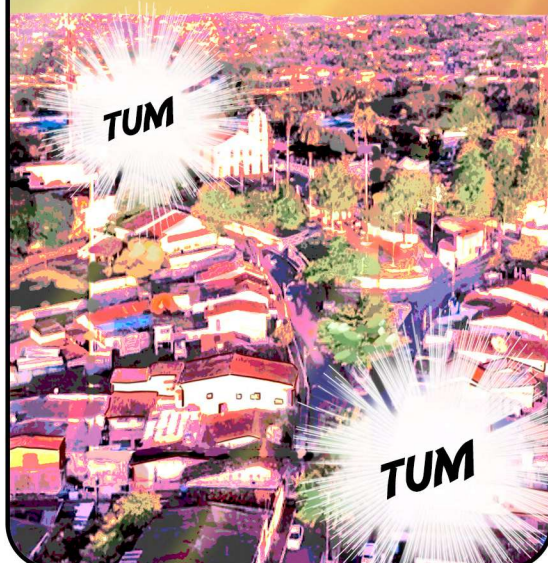
Por fim, como material de apoio que acompanha a HQ, os professores/ras e estudantes poderão se apropriar e promover reflexões sobre a História Local na sala de aula da educação básica, por meio da mobilização de conceitos, apresentação de referências e sugestões de atividades.

ERA **SEMPRE** ASSIM.



SÃO LOURENÇO DA MATA - PE

ANTES MESMO DE VER



A CIDADE **OLIVIA**!

TUM



TÁ ESCUTANDO,
FABIO?

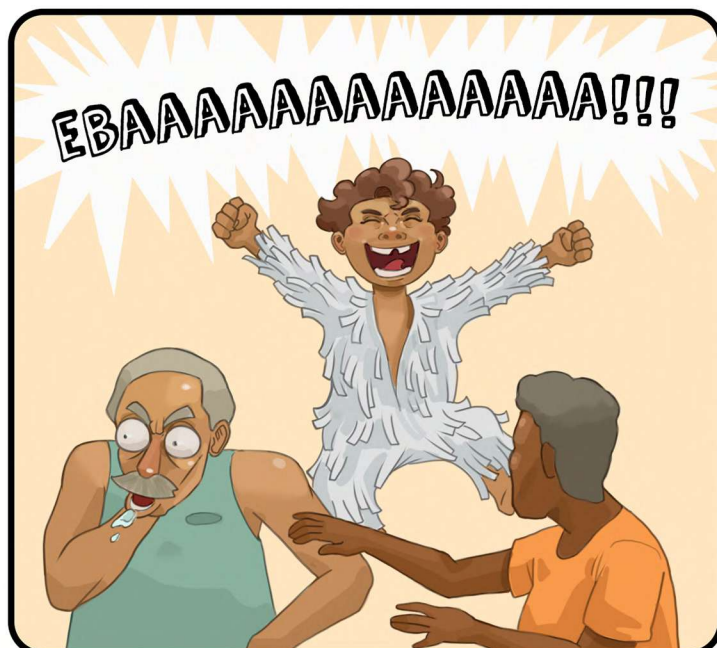
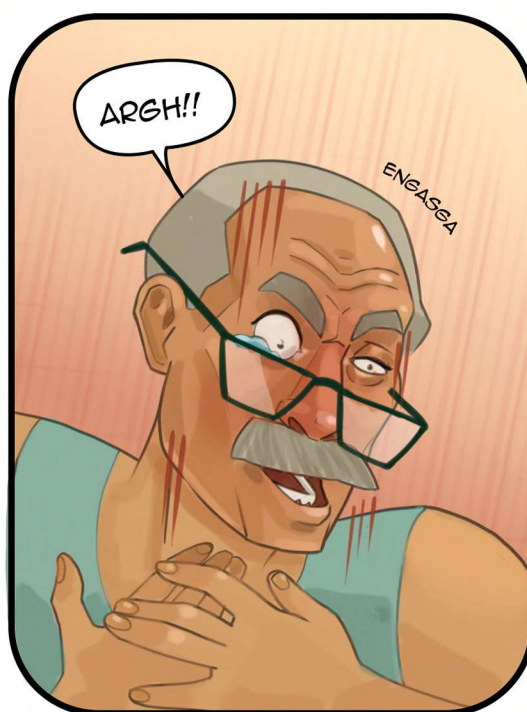
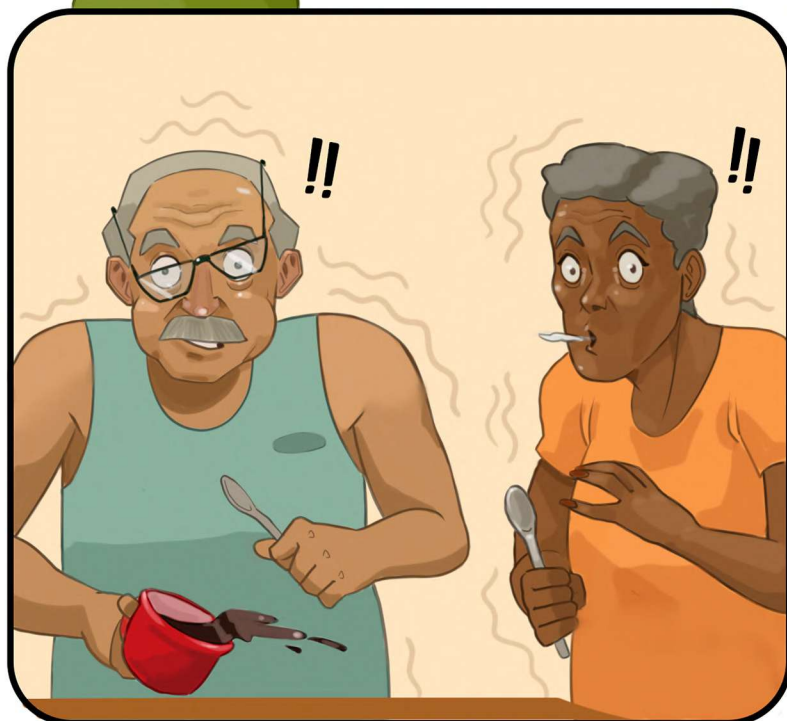
TUM

O TAMBOR ERA **O AVISO**, O
CONVITE



O INÍCIO DE ALGO **MAIOR!!**

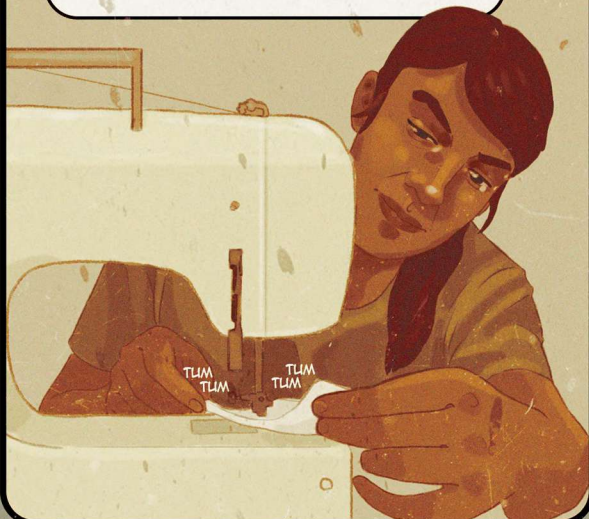








TUDO ERA PENSADO NOS
MÍNIMOS DETALHES!



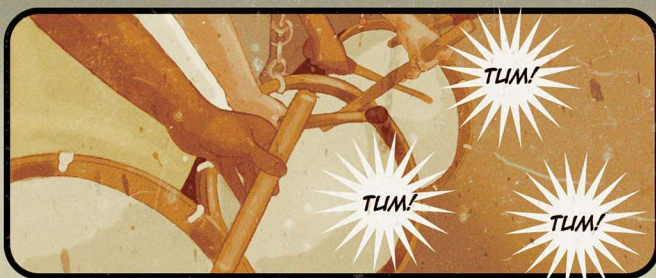
PODE ATÉ SER
SIMPLES, MAS TEM
QUE BRILHAR COMO
NÓS!



TUM!

TUM!

TUM!



A GAROTADA LOGO SE CHEGAVA.



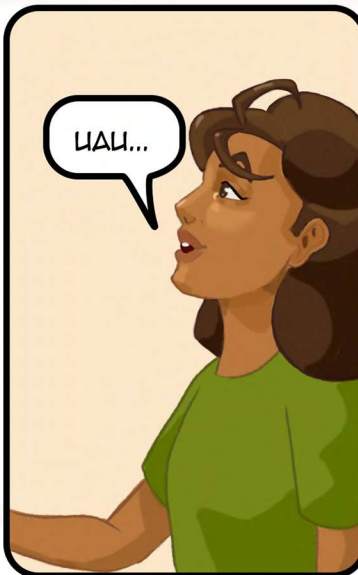
O URSO SEMPRE JUNTOU AS GERAÇÕES.



TENHO MUITO ORGULHO DE
TER VIVIDO ESSA ÉPOCA!



LALI...



MAS NÃO FOI UM
MAR DE ROSAS,
SEMPRE HOLIVE
PESSOAS **CONTRA**
O URSO.



CARNAVAL
SEM URSO
NÃO TEM
GRAÇA!



CONCORDO,
JUQUINHA!

POR ISSO O
URSO SEMPRE FOI
RESISTÊNCIA!!



FOI MUITA LUTA PARA
MANTER O BLOCO
EM PÉ.



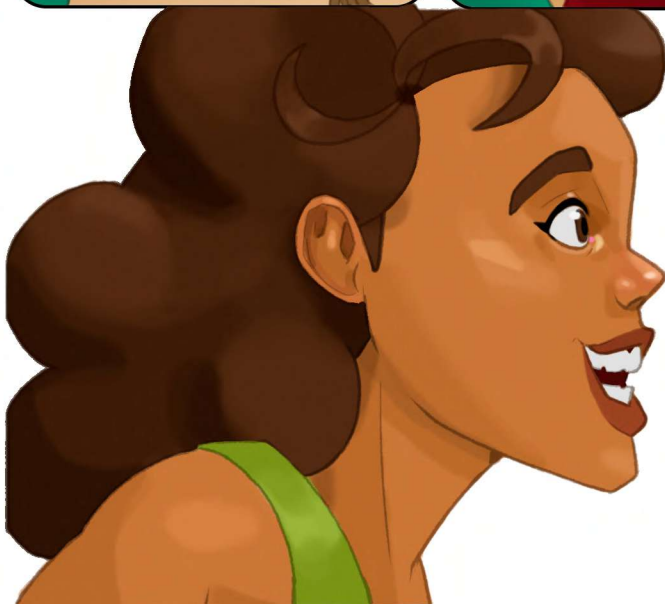
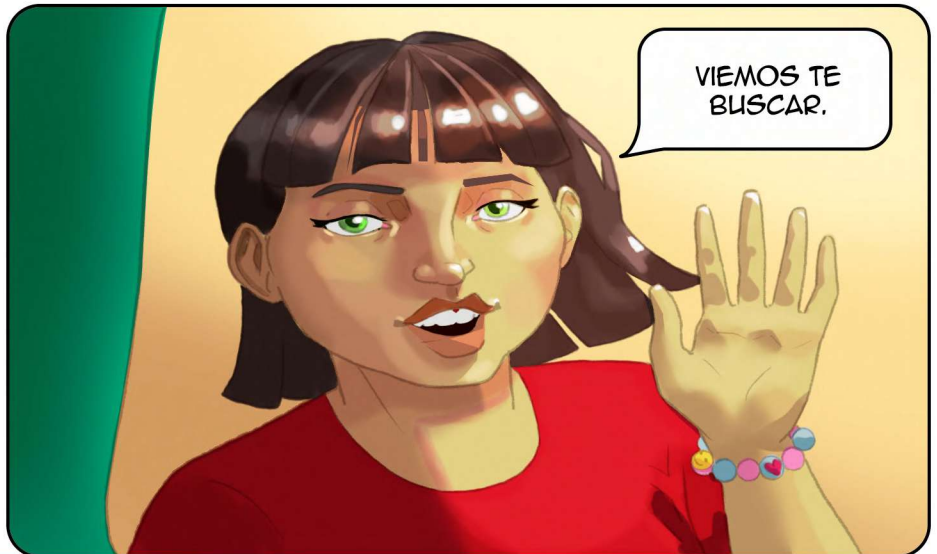
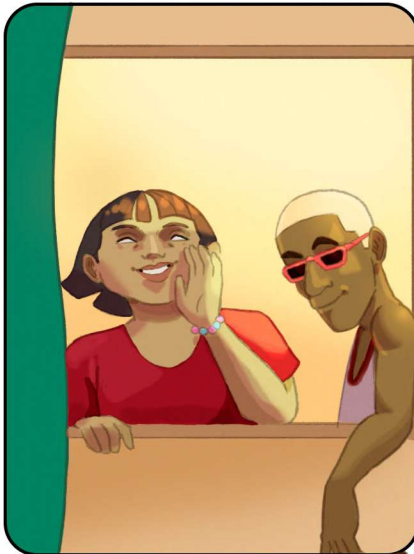
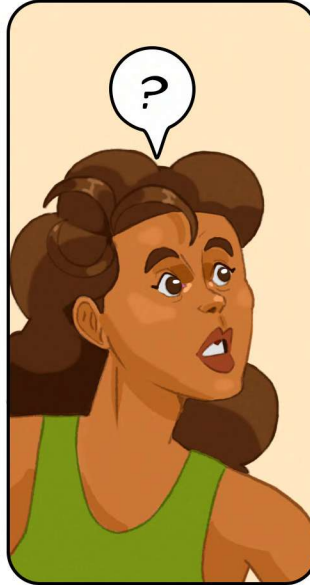
Manutenção À La Urso!

Sem apoio, foliões pagam tudo do próprio bolso!

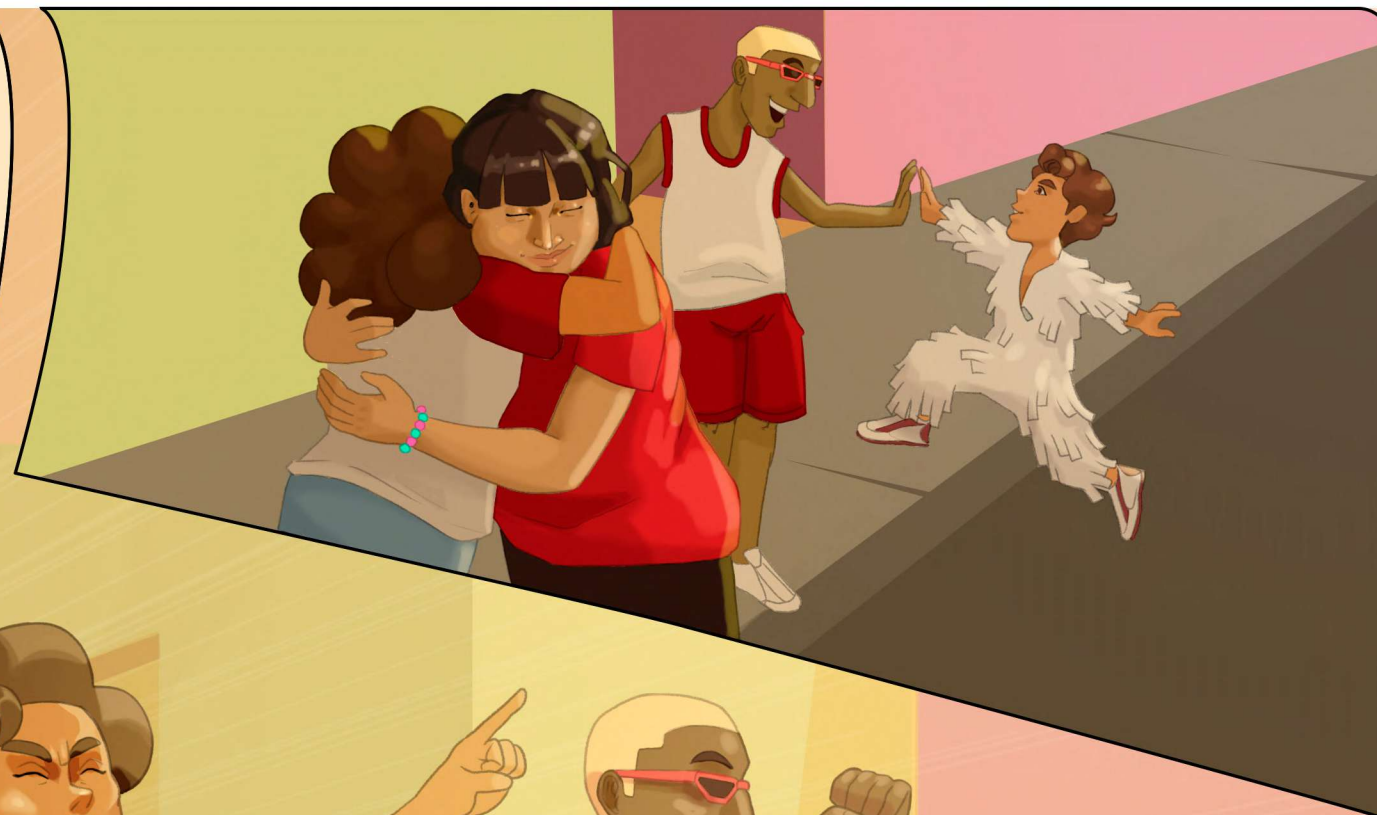
Os tradicionais Ursos viram-se obrigados a cortar gastos e improvisar na ornamentação e manutenção dos instrumentos esse ano. Mas a paixão pelo carnaval falou mais alto: moradores de São Lourenço da Mata se mobilizaram com doações e trabalho voluntário para garantir que os Ursos saíssem às ruas com brilho e batuque. A união popular virou símbolo de resistência cultural e mostrou que, quando falta verba, sobra coração.



GLA A A A A A R A !



LIA!!
TU CO!!



**VAMOS ATRÁS
DO URSO!!**







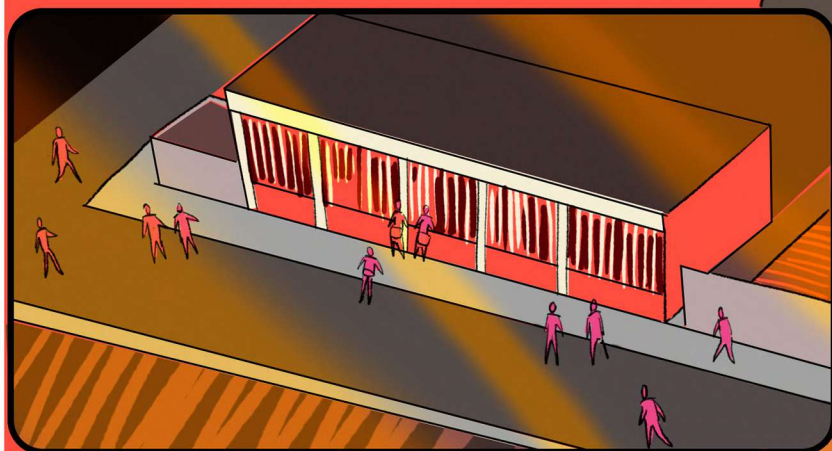
VEM GENTE DE TODO O CANTO VER O URSO.



O TOQUE DO TAMBOR E DA CAIXA
AVISA PARA O MUNDO A SUA CHEGADA

E LOGO TODO MUNDO VAI SE
JUNTANDO NA FRENTE DA SEDE.

PARA O URSO NÃO TEM TEMPO
RUIM NEM DIA PARADO. ONDE TIVER
O POVO REUNIDO E FOLIA NO
CORAÇÃO, TEM FESTA!





NO PASSO QUE ARRASTA A MULTIDÃO, A GENTE SE ENCONTRA E SE ABRAÇA: SOMOS A FORÇA, O CHÃO, E A GARRA DO **URSO BRANCO CANGACÁ**. POIS SE O POVO É QUEM FAZ O ESTARDALHACO, A NOSSA ALMA É O QUE O URSO TRAZ, UNINDO A **SEDE DE FOLIA** COM O GRITO FORTE DE QUEM SABE O QUE FAZ!

MATERIAL DE APOIO PARA O(A) PROFESSOR(A) E O(A) ESTUDANTE



1. O URSO DE CARNAVAL



O Urso de Carnaval, também conhecido como La Ursa, é uma manifestação cultural popular presente principalmente nos estados de Pernambuco e Paraíba, se destacando por sua força comunitária, criatividade e caráter de resistência. Caracterizado por desfiles animados, percussão vibrante, fantasias coloridas e encenações que misturam elementos do circo, da folia e do improviso, o Urso é mais do que uma brincadeira: ele é um espaço de criação coletiva, de celebração e de identidade. Sua origem, como aponta

Aranha (2015), está relacionada às antigas tradições europeias de desfiles de animais adestrados, posteriormente ressignificadas pelas camadas populares nordestinas, que incorporaram elementos locais, corporais e musicais, transformando a prática em um espetáculo de rua.

Ao longo do tempo, a figura do Urso se consolidou como parte do imaginário do carnaval popular, se reinventando a cada geração. Segundo **Santos (2021)**, a manifestação da La Ursa carrega forte apelo sonoro e visual, mobilizando os moradores de bairros periféricos e promovendo uma experiência sensorial de coletividade. Os desfiles, marcados por tambores, apitos e danças, produzem uma atmosfera de participação comunitária e pertencimento afetivo, em que a rua se transforma em palco e o povo em protagonista. Nessa perspectiva, **Rodrigues (2025)** observa que o Urso sintetiza o espírito do carnaval de rua nordestino; uma celebração da vida cotidiana que resiste à mercantilização das festas oficiais, reafirmando o valor da cultura popular como expressão legítima da memória social e da identidade coletiva.

Imagem retirada da página de Facebook Urso Branco de Cangaçá, postada em 16 de fev. de 2020, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1YQITHnI0gg>

Além do seu caráter festivo, o Urso de Carnaval é também um documento vivo da história social e cultural brasileira, porque revela como as comunidades constroem e preservam suas identidades por meio das práticas culturais. Como destaca **Cavalcanti (2018)**, a História Local permite compreender as experiências e tradições cotidianas como parte integrante dos processos históricos mais amplos. Dessa forma, o Urso representa não apenas o riso e a alegria, mas também a resistência simbólica das camadas populares, que transformam a festa em narrativa histórica e em afirmação cultural de seu território. Pensar o Urso como patrimônio imaterial, conforme define a UNESCO (2003), é compreender que ele representa saberes, linguagens e valores transmitidos de geração em geração, reafirmando os vínculos identitários e afetivos entre as comunidades e seus espaços.



Imagem retirada da página de Facebook Urso Branco de Cangaçá, postada em 01 de dez. de 2018, disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2163781497282945&et=pb.180064687358907.-2207520000&type=3>

Não apenas isso, assim como lembra Roque Laraia (2001), a cultura não é algo fixo, mas um sistema em constante transformação, moldado pelas experiências das gerações. Nesse sentido, o Urso de Carnaval se atualiza a cada nova edição, permanecendo fiel à sua essência popular, mas sempre aberto à reinvenção. Preservar essa manifestação é, portanto, preservar a história viva das cidades, seus modos de expressão e suas formas de resistências. Para os estudantes, compreender o Urso é se reconhecer como parte do território que produz cultura, história e resistência; é um aprendizado histórico que nasce do cotidiano e da celebração popular.



Imagens retiradas da curta-metragem "DOCUMENTÁRIO DE CARNAVAL - URSO BRANCO CANGAÇA", em 27 de fev. de 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1YQITHnIOgg>



2. *URSO BRANCO CANGAÇÁ*

O Urso Branco Cangaçá é uma das mais importantes manifestações culturais do município de São Lourenço da Mata (PE). Fundado em 3 de fevereiro de 1978, por Luiz Jacinto de Oliveira, Manoel Jacinto de Oliveira, Varderval Banja e outros amigos, esse grupo tinha cerca de 25 participantes e nasceu do desejo de manter viva a tradição dos ursos de carnaval, tão presentes na cidade. Além disso, celebrando, em 2024, mais de quatro décadas de existência, a agremiação é reconhecida como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do município e possui o título de utilidade pública.

O Urso Branco, desde sua criação, se destacou pela originalidade de sua música, que mescla ritmos do frevo com influências de maracatu, samba e coco, pela alegria contagiante dos desfiles e pela força da coletividade. Revelando dessa forma a diversidade cultural e a capacidade de reinvenção das tradições populares, como destaca Laraia (2001). No início, as primeiras fantasias eram confeccionadas com sacos de açúcar e os instrumentos de percussão eram simples, mas suficientes para criar um som marcante e cheio de identidade. A brincadeira reunia o povo nas ruas, com figuras típicas como a la ursa, o italiano mascarado com pandeiro e um homem vestido de morcego, que percorriam as casas ao som do tradicional canto “a la ursa quer dinheiro”. Essa dinâmica popular, além de lúdica, representava um modo de viver a cultura e de sustentar a agremiação por meio da colaboração da própria comunidade.



imagem retirada da curta-metragem “Documentário: 45 Carnavais do Urso Branco De Cangaçá”, postado na data 1 de jul. de 2024, disponível em https://www.instagram.com/p/C9QgiHnvo_U/?img_index=3

¹Município da Região Metropolitana do Recife, localizado a 20 km de distância do centro do Recife.

²Fonte: documento físico disponibilizado na sede da agremiação pelo atual presidente do Urso Branco Cangaçá, Silvano Ferreira dos Prazeres.

Em 2014, com o falecimento de Luiz Jacinto, seu sobrinho Silvano Ferreira dos Prazeres assumiu a presidência, reafirmando o compromisso de manter viva a tradição. Sob sua liderança, o grupo se expandiu, reunindo mais de 60 músicos e cerca de 100 brincantes em cada carnaval. Dessa forma, o Urso Branco se tornou um símbolo de resistência cultural e inclusão social, sendo reconhecido também por retirar jovens da vulnerabilidade e inseri-los em atividades artísticas e culturais. Portanto, essa dimensão social reforça o papel do Urso como um espaço educativo não formal, no qual o aprendizado ocorre por meio da convivência, da música e da valorização da memória coletiva.

A partir das observações realizadas durante a pesquisa de campo, foi possível notar que o Urso Branco reúne participantes de diferentes gerações, principalmente homens adultos que conciliam o trabalho cotidiano com a participação na agremiação, além de jovens periféricos, algumas mulheres, bem como crianças – os chamados “ursos mirins”. A brincadeira da La Ursa envolve músicos, personagens fantasiados e cortejos pelas ruas ao som da percussão e das cantorias, se configurando como um espaço de sociabilidade, transmissão de saberes e continuidade das tradições culturais locais.

Para além de sua relevância artística, o Urso Branco Cangaçá acumula uma trajetória de reconhecimentos e vitórias. A agremiação foi campeã em várias edições do Carnaval do Recife, conquistando títulos em 1985, 2012, 2014, 2017, 2018/2019 (bicampeonato), 2023 (2º lugar) e 2024 (tricampeão pernambucano). Também participou de eventos culturais importantes, como o Festival de Inverno de Garanhuns e o Encontro de Bois e Similares de Pernambuco.



imagem retirada da página de instagram “ursobrancocangaca.ofc”, postadas em 10 de jul. de 2024, disponível em https://www.instagram.com/p/C9QgiHnvo_U/?img_index=3

Valorizando as experiências cotidianas e dando voz às narrativas que constroem a memória das comunidades (Cavalcanti, 2018), o Urso Branco Cangaçá transforma o cotidiano dos moradores em história viva, em uma prática cultural que une gerações e simboliza a própria identidade são-lourensesse. Dessa forma, o Urso Branco não é apenas uma agremiação carnavalesca, mas um lugar de memória e pertencimento, no qual se constrói a consciência histórica e coletiva (Cerri, 2011). Deste modo, ultrapassa os limites festivos e se afirma como patrimônio imaterial em movimento, que educa, inspira e liga o passado ao presente. Nesse sentido, conhecer a trajetória do Urso Branco Cangaçá é compreender como o povo de São Lourenço da Mata (PE) produz história, cultura e resistência; transformando o som dos tambores em voz e identidade.



imagem retirada da página de instagram “ursobrancocangaca.ofc”, postadas em 12 de abr. de 2025, disponível em https://www.instagram.com/p/DIXcX3fNhsA/?img_index=1



3. HISTÓRIA LOCAL

Já parou para pensar que a rua que você mora, as festas do seu bairro, as histórias contadas pelos mais velhos e até os grupos culturais que saem no carnaval também são formas de fazer história? É exatamente isso que chamamos de História Local. Ao contrário da chamada “história dos grandes eventos”, que foca em reis, guerras ou presidentes, a História Local olha para o cotidiano das pessoas comuns, para os saberes da comunidade, e para tudo aquilo que constrói a memória de um lugar a partir de quem vive nele.

Estudar a História Local é uma forma de valorizar o território e compreender que todo lugar tem importância histórica; inclusive seu bairro, sua cidade, sua escola. Essa forma de ensinar História ajuda a criar consciência histórica (Cerri, 2011), porque aproxima o estudante de sua realidade e o faz perceber que ele também

é sujeito histórico. Como destaca Bittencourt (2008), quando o educando observa seu próprio entorno, os modos de viver, os festejos, as práticas culturais, pode compreender que a história não está apenas nos livros, mas também no presente do qual ele participa.

1. INDICAÇÃO DE LEITURA

BARROS, José D.'Assunção. O lugar da História Local. São Paulo: Intervenções, 2013.

Conferência para o I Encontro de História Local/ Regional da UNEB, realizado na cidade de Santo

Antonio de Jesus, em novembro de 2009. O texto posteriormente foi publicado na coletânea A Expansão da História, que reúne seis conferências do autor (BARROS, José D'Assunção. A Expansão da História.

Petrópolis: Editora Vozes, 2013)

https://www.researchgate.net/profile/Jose-Barros-28/publication/321111136_O_Lugar_da_Historia_Local/links/5a0e18d5aca27244d28588da/0-Lugar-da-Historia-Local.pdf

O texto de José D'Assunção Barros, retirado de uma palestra, discute sobre o lugar da História Local e da História Regional na historiografia contemporânea, argumentando que essas modalidades não são campos isolados, mas se constroem a partir da conexão entre múltiplas abordagens (como Cultural, Oral, Política), formando o que chama de "História poli-adjetivada". O autor diferencia a História Local/Regional que coloca o espaço como objeto central de análise, construído pelo historiador a partir de critérios específicos da Micro-História, que utiliza a redução da escala de observação para iluminar aspectos de realidades mais amplas. No contexto brasileiro, Barros sugere aproveitar a distinção entre "local" (lugares menores ou recortes temáticos) e "regional" (espaços sistêmicos integrados a redes mais amplas), rejeitando hierarquias acadêmicas que menosprezam esses estudos, especialmente em um mundo onde a digitalização e a mobilidade tornam a pesquisa cada vez mais acessível e conectada.

A história Local nos permite entender que o que acontece no bairro e na comunidade não está isolado: faz parte de processos maiores. O que nos lembra que o local é sempre atravessado por dinâmicas regionais, nacionais e até globais. Dessa forma, quando estudamos uma tradição cultural, um grupo popular ou uma prática cotidiana, estamos observando como a vida comum também produz história.

Ligado a isso está o conceito de identidade, que não é algo pronto ou imutável, mas um processo contínuo de construção social. A identidade se forma por meio das experiências, memórias, símbolos e práticas culturais que um grupo compartilha ao longo do tempo. Ela se manifesta quando uma pessoa se reconhece como parte de uma coletividade; seja ao participar de uma festividade local, cantar uma música típica ou manter um costume de família. Como destacam Assumpção e Castral (2022), a identidade está ligada à memória e ao território vivido: é pela troca de histórias e saberes que cada pessoa reafirma quem é e sente que pertence a algo maior.

O QUE É HISTÓRIA POLI-ADJETIVADA?

Uma "História poli-adjetivada" refere-se a um estilo de escrita ou narrativa caracterizado pelo uso excessivo ou intencional de múltiplos adjetivos para descrever substantivos, cenas ou personagens. O termo não é um conceito literário formal, mas sim uma expressão descritiva usada para identificar um texto que emprega muitos adjetivos.

No contexto da sala de aula, a História Local não deve ser compreendida apenas como conteúdo, mas como uma estratégia pedagógica e investigativa. Isso significa partir da realidade dos estudantes para construir o conhecimento histórico, articulando suas experiências com processos mais amplos. Segundo Barros (2013), esse tipo de abordagem possibilita trabalhar com o cotidiano dos educandos e desenvolver sua autonomia, transformando-os em sujeitos ativos da aprendizagem.

Nessa perspectiva, práticas como entrevistas com moradores, análise de fotografias antigas, estudo de espaços da comunidade e produção de narrativas (como textos, HQs ou zines) permitem que o estudante investigue o próprio território. Ao fazer isso, ele não apenas aprende História, mas também produz conhecimento histórico a partir de sua vivência.



imagem retirada da página de instagram "ursobrancocangaca.ofc", postada em 14 de jul. de 2024, disponível em https://www.instagram.com/p/C9ZzrfD0Zk-/?img_index=3

2. INDICAÇÃO DE LEITURA

DA SILVA, Liliane Pinto. O USO DA HISTÓRIA LOCAL NAS AULAS DE HISTÓRIA. XV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2024.

Além da indicação do texto de José D'Assunção Barros. Fica também de indicação a leitura do artigo de Liliane Pinto da Silva, que discute o uso da História Local no ensino de História como uma estratégia pedagógica significativa, que aproxima os conteúdos da realidade dos estudantes e promove a construção de narrativas históricas e identidades coletivas a partir da memória e das vivências locais, especialmente em contextos periféricos, contribuindo para uma educação mais crítica, reflexiva e decolonial.

https://www.encontro2024.pe.anpuh.org/resources/anais/17/anpuh-peeeh2024/1724109452_ARQUIVO_64a1afb968921d31dd671bd7a2b12725.pdf

Além disso, como aponta Hadler (2022), trabalhar com a História Local envolve reconhecer que o espaço onde vivemos é atravessado por disputas de memórias, narrativas e interesses sociais. A história de uma cidade, por exemplo, não é única: ela é construída por diferentes grupos, e nem todas as experiências são igualmente valorizadas. Nesse sentido, o ensino de História Local pode abrir espaço para questionar quais histórias são lembradas, quais são esquecidas e por quê.

A autora também destaca a relevância de instituições como arquivos e centros de memória nesse processo, ao possibilitar o contato direto com documentos históricos, como fotografias, registros escritos e objetos. Esse tipo de experiência permite que os estudantes compreendam que os documentos não são apenas “ilustrações do passado”, mas vestígios de vivências, escolhas e relações de poder, estimulando uma leitura crítica da história.

Do ponto de vista prático, isso pode se traduzir em atividades como:

visitas a centros históricos, arquivos ou espaços de memória;

- Análise comparativa entre passado e presente de um mesmo lugar;
- Produção de registros (fotografias, relatos, mapas) sobre a comunidade;
- Debates sobre patrimônio cultural, preservação e transformações urbanas;
- Problematisação das mudanças no espaço urbano e seus impactos sociais.

Essas práticas contribuem para que o estudante desenvolva uma percepção mais sensível e crítica da cidade e do território em que vive, reconhecendo que o espaço urbano é marcado por diferentes temporalidades, memórias e conflitos. Como demonstra a experiência apresentada por Hadler (2022), ao investigar a própria cidade, os estudantes passam a enxergá-la de outra forma, percebendo camadas de história antes invisíveis e estabelecendo relações entre passado e presente.

Além disso, trabalhar com a História Local possibilita dar visibilidade a sujeitos históricos frequentemente silenciados, como comunidades populares, trabalhadores e grupos culturais locais. Ao incorporar essas experiências no ensino, rompe-se com uma visão única e linear da história, valorizando sua pluralidade.

A História Local, portanto, contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento e valorizar diferentes memórias e experiências que convivem em um mesmo território. Porque quando o estudante reconhece a diversidade presente na sua própria comunidade, ele desenvolve respeito, visão crítica e capacidade de compreender como o passado se liga com o presente. Assim, estudar a História Local é também aprender a olhar para o cotidiano como parte da construção da história, uma história que é plural, viva e feita por todos.



Imagem retirada da página de Facebook Urso Branco de Cangaça, postada em 10 de jan. de 2021, disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2806228509704904&set=pcb.2806228539704901>

3. INDICAÇÃO DE LEITURA

BARROS, Lucilvana Ferreira dos Santos; SANTOS, Roberg Januário dos. A importância da história local para o ensino de história: reflexões a partir de uma experiência na Amazônia Oriental Brasileira. *História & Ensino*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 206-227, 2024. DOI: 10.5433/2238-3018.2024v30n1p206-227.

Fica aqui a indicação de leitura do artigo de Lucilvana Ferreira dos Santos Barros e Roberg Januário dos Santos, sobre a importância do ensino de História Local na Educação Básica, a partir de uma experiência pedagógica realizada no município de Xinguara, na Amazônia Oriental brasileira. Os autores argumentam que, embora a História Local tenha potencial para aproximar os estudantes do conhecimento histórico ao conectar conteúdos à sua realidade, ela é frequentemente negligenciada ou tratada de forma superficial nas escolas.

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/49810>.



4. PATRIMÔNIO IMATERIAL

Quando falamos de patrimônio imaterial, nos referimos aos saberes, práticas, expressões e tradições transmitidas de geração em geração. Ao contrário de uma ponte, uma igreja ou um prédio antigo (que são patrimônios materiais), o patrimônio imaterial vive nas pessoas: nas festas populares, nos sotaques, nas receitas, nas brincadeiras, nos cantos e nos rituais. Segundo a UNESCO (2003), proteger esse tipo de patrimônio é essencial para manter a diversidade cultural e fortalecer o sentimento de pertencimento das pessoas ao lugar onde vivem. Esse patrimônio é parte viva da cultura, pois se transforma conforme as gerações, sem perder o vínculo com a memória coletiva.

Essa compreensão da importância da imaterialidade ampliou o olhar sobre o que deve ser preservado no mundo e influenciou diretamente o Brasil. Embora a noção de patrimônio já existisse formalmente em políticas públicas desde 1937, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o atual IPHAN, essa visão era restrita aos bens materiais, sobretudo igrejas coloniais, edifícios históricos, esculturas e obras de arte consideradas representativas da “memória nacional”. Como aponta Fonseca (2003), essa perspectiva tradicional valorizava sobretudo os monumentos associados às elites, deixando de fora a cultura popular, as tradições orais e saberes comunitários, que não eram reconhecidos oficialmente como bens dignos de proteção.

A virada acontece com a **Constituição Federal de 1988**, cujo art. 216 redefine o conceito de patrimônio cultural brasileiro ao incluir, pela primeira vez, os bens de natureza imaterial. Ao reconhecer como patrimônio as práticas, os modos de fazer, as celebrações e as expressões culturais, a Constituição rompe com a tradição monumentalista e acolhe a valorização das manifestações populares, por muito tempo marginalizadas. É essa mudança que possibilita que festas, brinquedos populares, rituais, músicas e tradições passem a ser vistos como parte essencial da memória nacional.

PARÁGRAFO 1º. ART. 216 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Dessa forma, compreender o patrimônio imaterial implica reconhecer que a cultura não se resume às “coisas”, mas aos sentidos que grupos sociais produzem e compartilham (Fonseca, 2003). Portanto, antes de tudo, o patrimônio é uma prática social: na transmissão de saberes, nas relações entre gerações, nas performances públicas e nos vínculos afetivos que dão sentido aos modos de viver de uma comunidade.

Além disso, é importante compreender que a própria ideia de cultura está ligada a processos sociais dinâmicos e, muitas vezes, a disputas por reconhecimento. Como destaca Laraia (2001), a cultura não é algo fixo ou natural, mas um sistema de significados construído historicamente pelos grupos sociais. Nesse sentido, o reconhecimento de determinadas práticas como patrimônio imaterial envolve escolhas, interesses e relações de poder, já que nem todas as manifestações culturais recebem a mesma visibilidade ou valorização. Assim, o processo de patrimonialização pode ser entendido como uma forma de legitimar identidades, memórias e modos de vida historicamente invisibilizados, especialmente aqueles ligados às camadas populares, evidenciando que a cultura também se configura como um campo de negociação simbólica.

Dessa forma, a ampliação do conceito de patrimônio imaterial representa uma conquista histórica de grupos sociais que lutaram pelo reconhecimento de suas práticas, saberes e modos de vida como parte legítima da cultura. Essa mudança está diretamente relacionada à valorização da diversidade cultural e à superação de uma visão elitista e excludente da memória. Então, reconhecer manifestações culturais como patrimônio imaterial constitui não apenas um ato de preservação, mas também um posicionamento político e social, que reafirma a importância das culturas locais e populares na construção da identidade coletiva.

Assim, preservar não significa congelar, mas criar condições para que essas práticas continuem existindo, se transformem e permaneçam significativas. Por isso, quando valorizamos manifestações como o Urso Branco Cangaça, significa que estamos preservando mais do que um evento festivo: estamos cuidando da memória viva de uma comunidade, suas formas de expressão e seus modos de vida. A cada saída no carnaval, o Urso reafirma a identidade local, fortalece os laços comunitários e resgata modos de vida que atravessam gerações. Ao reconhecer esses saberes como patrimônio, compreendemos que o passado não é apenas lembrança; é experiência presente, que sustenta a cultura viva e ajuda a construir o futuro.



imagem retirada da curta-metragem “Documentário: 45 Carnavais do Urso Branco De Cangaça”, postado na data 1 de jul. de 2024, disponível em https://www.instagram.com/p/C9QgiHnvo_U/?img_index=3



5 CULTURA POPULAR

Falamos tanto sobre cultura popular, mas afinal, o que é isso? Antes de responder essa pergunta, é importante entender primeiro o que é cultura. De modo geral, a cultura pode ser compreendida como tudo aquilo que os seres humanos produzem ao longo do tempo. Isso quer dizer que a cultura está presente no nosso dia a dia: na forma como falamos, nas músicas que ouvimos, nas festas que participamos, nas comidas que preparamos e nas tradições que mantemos. Nessa perspectiva, **Raymond Williams** diz que a cultura pode ser entendida como um verdadeiro modo de vida, e não apenas como algo ligado à arte ou ao conhecimento erudito (Silva, 2013).

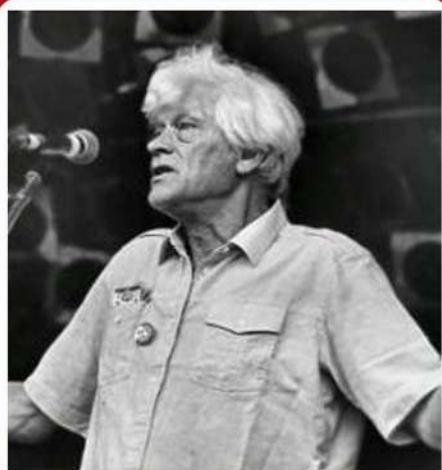
Mas, se toda cultura é produzida socialmente, por que usamos a expressão cultura popular? A resposta não é tão simples. Isso porque, como mostram diversos estudos, a ideia de cultura popular é complexa e não possui um único significado. Segundo o verbete “Cultura Popular” do IPHAN, elaborado por Maria Costa, este se trata de um conceito impreciso, que mudou ao longo do tempo e foi utilizado de diferentes formas em distintos contextos históricos. Durante o século XIX, por exemplo, muitos estudiosos passaram a associar a cultura popular às tradições do “povo”, especialmente das populações rurais. Essas práticas eram vistas como mais “puras” e “autênticas”, pois estariam menos influenciadas pelas mudanças da vida urbana e pela modernização. Nesse contexto, surgiu também o termo folclore, entendido como o “saber do povo”, que incluía histórias, músicas, danças, costumes e crenças transmitidas de geração em geração (Costa, 2015).

No entanto, essa visão apresentava alguns problemas. Ao tratar a cultura popular como algo fixo e antigo, muitos estudiosos acabavam ignorando que essas práticas também mudam com o tempo. Além disso, como alerta **E. P. Thompson**, existe o risco de generalizar e tratar o “povo” como se fosse um grupo homogêneo, apagando



Raymond Williams (1921–1988)

Foi um escritor, acadêmico e teórico cultural galês, considerado um dos fundadores dos estudos culturais britânicos e uma figura central da Nova Esquerda. Seu pensamento articulou marxismo, crítica literária e sociologia da cultura, influenciando gerações de intelectuais e pesquisadores em todo o mundo.



**Edward Palmer Thompson
(1924–1993)**

Foi um historiador social, escritor e ativista britânico. Figura central da Nova Esquerda inglesa, transformou a historiografia ao enfatizar a experiência humana e a agência moral nas formações sociais. Sua obra influenciou profundamente a história social, a teoria marxista e os movimentos pela paz durante a Guerra Fria.

diferenças, conflitos e contradições presentes na sociedade (Silva, 2013). Logo, com o avanço das Ciências Humanas ao longo do século XX, essa visão começou a ser questionada. Em vez de enxergar a cultura popular como algo isolado ou inferior, os pesquisadores passaram a entendê-la como parte de um campo mais amplo de relações culturais, marcado por trocas, influências e disputas. Nesse sentido, como aponta Abreu (2003), é mais produtivo analisar as relações entre cultura popular, cultura erudita e cultura de massa do que tentar separá-las rigorosamente.

Outro ponto importante é que a cultura popular não deve ser vista apenas como tradição do passado. Ela é também criação no presente. Porque as práticas culturais são construídas nas experiências concretas das pessoas, sendo constantemente recriadas de acordo com o contexto histórico em que estão inseridas. Isto é, a cultura popular é dinâmica, viva e está sempre em transformação.

Então, nesse processo, entra um conceito muito importante: o de mediação. Isso significa que as manifestações culturais não surgem isoladas, mas são resultado de misturas, adaptações e ressignificações. Assim, a cultura popular não é uma simples repetição do passado, mas uma criação coletiva, construída a partir de diferentes influências (Silva, 2013). Portanto, entender a cultura a partir da ideia de uma mistura cultural, mostra que, na sociedade contemporânea, o popular, o erudito e o massivo se misturam constantemente. Dessa forma, o “popular” pode tanto se referir às práticas culturais de determinados grupos sociais quanto àquilo que se torna amplamente difundido e consumido.

Por isso, muitos autores defendem que o mais adequado é falar em culturas populares, no plural. Essa forma reconhece que não existe uma única cultura popular, mas várias, diferentes entre si, ligadas às experiências, aos territórios e às histórias dos grupos que as produzem (Costa, 2015). Além disso, a cultura popular também está relacionada a questões de poder e reconhecimento. Durante muito tempo, muitas dessas manifestações foram desvalorizadas ou até perseguidas. Hoje, com a ampliação do conceito de patrimônio cultural, essas expressões passaram a ser reconhecidas como parte importante da identidade das comunidades, como destaca a UNESCO (2003). Dessa forma, podemos entender a cultura popular como um conjunto de práticas, saberes e expressões produzidas coletivamente, que fazem parte do cotidiano das pessoas e que são transmitidas, recriadas e transformadas ao longo do tempo. No contexto deste trabalho, a cultura popular é fundamental para compreendermos manifestações como o Urso de Carnaval, evidenciando que a cultura está nas ruas, nas festas e na vida das pessoas, sendo também uma forma de produção de história, memória e identidade.



Imagem retirada da página de Facebook Urso Branco de Canagã, postada em 26 de fev. de 2020, disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2528268880834203&set=pb.100064687358907--2207520000&type=3>

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA O USO DA HQ EM SALA DE AULA

A história em quadrinhos apresentada neste material pode ser utilizada como recurso didático para o ensino de História Local, possibilitando o diálogo entre narrativa visual, memória e patrimônio cultural. Recomenda-se que a leitura da HQ seja realizada de forma orientada pelo(a) professor(a), estimulando a observação dos elementos históricos presentes na narrativa, como os personagens, os espaços da cidade e as manifestações culturais representadas. Após a leitura, o(a) professor(a) pode promover uma conversa inicial com a turma, incentivando os estudantes a refletirem sobre suas próprias experiências com manifestações culturais da comunidade. A partir desse momento, as atividades propostas a seguir buscam ampliar essa reflexão, estimulando o reconhecimento do território, o diálogo com a memória coletiva e a valorização do patrimônio cultural local.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES – TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL EM SALA DE AULA

Como mencionado anteriormente, esta seção propõe duas atividades práticas que podem ser realizadas após a leitura da HQ, visando promover a valorização da cultura local e estimular nos estudantes uma reflexão crítica sobre sua própria história e identidade. Tendo como público alvo os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental (8º ao 9º ano) e das séries iniciais do Ensino Médio (1º e 2º anos).

ATIVIDADE 1- MAPA AFETIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Objetivo: Estimular o reconhecimento do território como espaço de memória e valorização do patrimônio local.

Tempo estimado: 1 a 2 aulas de 50 minutos.

Materiais: Papel A3 ou cartolina, lápis de cor, canetas, revistas para recorte, cola, tesoura ou ferramentas digitais (caso a atividade seja realizada em formato digital).

Procedimento metodológico:

1. O professor inicia a atividade retomando a leitura da HQ e promovendo uma breve conversa sobre as manifestações culturais apresentadas na narrativa, especialmente o Urso Branco Cangaçá e a tradição da La Ursa.
2. Em seguida, propõe uma reflexão coletiva sobre outras manifestações culturais presentes no bairro ou na cidade, como festas, grupos culturais, espaços de memória, personagens conhecidos da comunidade ou tradições locais.
3. Após essa discussão inicial, os estudantes serão convidados a elaborar um mapa afetivo do lugar onde vivem, destacando elementos culturais que consideram importantes para a história e identidade da comunidade.
4. O mapa pode ser produzido individualmente ou em grupos, utilizando desenho, colagem de imagens ou recursos digitais.
5. Ao final da atividade, os estudantes apresentam seus mapas para a turma, explicando os elementos escolhidos e os significados atribuídos a cada espaço ou manifestação cultural.

Produto final: Os mapas podem ser reunidos em um mural coletivo na escola, formando um painel de memórias e referências culturais da comunidade.

ATIVIDADE 2- QUEM É O URSO DA MINHA RUA?

Objetivo: Incentivar o diálogo intergeracional e valorizar os saberes da comunidade como fontes históricas legítimas.

Tempo estimado: 2 aulas de 50 minutos + tempo extra para realização da entrevista.

Materiais: Caderno ou ficha de entrevista, celular para gravação de áudio ou vídeo (opcional), papel para produção textual ou materiais artísticos.

Procedimento metodológico:

1. O professor inicia a atividade discutindo com os estudantes a importância da memória e das narrativas orais para a construção do conhecimento histórico.
2. Em seguida, orienta os estudantes a conversarem com alguém da comunidade como: um familiar, vizinho, artista local ou participante de manifestações culturais que conheça histórias relacionadas às tradições da cidade, especialmente sobre os ursos de carnaval ou outras práticas culturais.
3. Os estudantes devem registrar as informações da entrevista por meio de anotações, gravação de áudio ou vídeo, respeitando sempre a autorização da pessoa entrevistada.
4. A partir desse relato, cada estudante deverá produzir uma pequena narrativa inspirada na história ou memória compartilhada. Essa produção pode assumir diferentes formatos, como texto narrativo, poema, cordel, desenho, história em quadrinhos ou outra forma de expressão artística.
5. Em sala de aula, os estudantes compartilham suas produções com os colegas, permitindo a troca de experiências e o reconhecimento das diferentes histórias presentes na comunidade.

Produto final: As narrativas podem compor um pequeno “arquivo de memórias da turma”, reunindo relatos e produções dos estudantes, que poderão ser utilizados em futuras atividades escolares ou exposições culturais.

DICA PARA O(A) PROFESSOR(A)

Trabalhe os verbetes como uma leitura guiada, incentivando os estudantes a relacionarem os conceitos apresentados com suas próprias vivências e experiências no território onde vivem. As atividades propostas podem servir como ponto de partida para projetos de história local, feiras culturais, exposições escolares ou produções coletivas que valorizem a memória e o patrimônio cultural da comunidade.

Referências

- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ARANHA, Camilo de Figueiredo. A brincadeira la ursa, visualidades e peripécias. Revista Digital do LAV, v. 8, n. 1, p. 122-135, 2015.
- ASSUMPÇÃO, Ana Laura; CASTRAL, Paulo César. Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. Revista Memória em Rede, v. 14, n. 27, p. 6-32, 2022.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. Criar Educação, v. 2, n. 2, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. 2ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2008.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. Revista História Hoje, v. 7, n. 13, p. 272-292, 2018.
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6
- DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. In: A escola como espaço sócio-cultural. 2001. p. 137-161.
- DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. História (São Paulo), v. 30, p. 401-419, 2011.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, v. 28, p. 59-79, 2003.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Urso de Carnaval. YouTube, 06 de fevereiro de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=z17K4PEcdqQ&ab_channel=Funda%25C3%25. Acesso em: 6 nov. 2025.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. La Ursa de Carnaval. YouTube, 11 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-x1KrVIjHEM>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- HADLER, Maria Sílvia Duarte. História local num centro de memória: jovens estudantes ampliam sua compreensão da cidade. Revista NUPEM, v. 14, n. 33, p. 103-116, 2022.
- JUNIOR, Bezaliel Alves Oliveira; BRAGA, Cristiano Marinho; MARTINHO, Mailson; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. A história local, memória e identidade: aspectos fundantes no processo identitário dos estudantes. Contribuciones A Las Ciencias Sociales, v. 16, n. 9, p. 17652-17666, 2023.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- RODRIGUES, Ana Clara de Lima; VASCONCELOS, Camila Brito de. La Ursa e suas memórias: manifestação cultural e afetividade em Pernambuco. Diálogo com a Economia Criativa, Rio de Janeiro, v. 10, n. 29, p. 181-205, 2025.
- RIFFEL, Renato. Educação patrimonial e processos educativos: referências culturais como espaços de ensino-aprendizagem na educação básica. História Unicap, v. 4, n. 7, p. 47-59, 2017.

SANTOS, Marília Paula dos. “A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro”: transformações no carnaval das La Ursas em São Caitano (PE) 2. Revista Orfeu, v. 6, n. 1, p. 01-44, 2021.

SILVA, Johnisson Xavier. Cultura, cultura popular e mediação: as “lições” de Raymond Williams e EP Thompson acerca do estudo das práticas culturais. Cadernos de Pesquisa do CDHIS. Uberlândia, v. 26, n. 2, 2013.

TVU RECIFE. Documentário De Carnaval – Urso Branco Cangaça. Youtube, 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1YQITHnIOgg>. Acesso em: 6 de nov. 2025.

UNESCO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA). Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. 2003.

URSO BRANCO DE CANGAÇA. Documentário: 45 Carnavais do Urso Branco De Cangaça. Youtube, 1 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rBFHe43ceMQ>. Acesso em: 6 nov. 2025.

VIANNA, Letícia C. R.; TEIXEIRA, João Gabriel L. C. Patrimônio imaterial, performance e identidade. Revista Concinnitas, v. 1, n. 12, p. 121-129, 2008.

• IDEALIZADORES •



SUELEN CINTIA SANTANA

Pesquisadora e Roteiro Original

Graduada no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela CAPES. Participou do Projeto de Extensão pré-vestibular acadêmico Portal, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na função de voluntária na Equipe Psicopedagógica. Também foi bolsista na Residência Docente, do Programa de Inovação Pedagógica (UPE), desenvolvido em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Contato: suelencintia66@gmail.com
suelen.santana@ufrpe.br

JOÃO MIGUEL DUCLERC FALCÃO

Diagramação, Ilustração e Adaptação de Roteiro

Artista visual e ilustrador especializado em quadrinhos e character design. Consolidado no mercado de jogos de mesa (TTRPG – Tabletop Role-Playing Games), utiliza o Adobe Photoshop como ferramenta primordial para a execução de ilustrações digitais e pintura de texturas. Articula o rigor técnico à sua formação em Psicologia para criar personagens e universos visuais de profunda carga narrativa.

Contato: jmduclercfalcao.contato@gmail.com
instagram @riska.jpeg



LÚCIA FALCÃO BARBOSA

Orientadora e Revisão Final

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1992), mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1998), doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2005) e pós-doutorado em Educação pela Facultad Latino Americana de Ciencias Sociales FLACSO Argentina (2012). Atualmente é professora titular do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com ênfase em História, atuando principalmente nos seguintes temas: história contemporânea, ensino de história, formação de professores, culturas e linguagens. Pesquisadora do NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E CULTURAS – NEPEC's. Integrante da Linha de Pesquisa Linguagens e Narrativas Históricas: produção e difusão, do Mestrado Profissional em História – PROFHISTORIA da Universidade Federal de Pernambuco.

Contato: lucia.barbosa@ufrpe.br